

CONVIVÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES: DESAFIOS E IMPACTOS NAS RELAÇÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL



SCHOOL CLIMATE AND TEACHERS' MENTAL HEALTH: CHALLENGES AND IMPACTS ON RELATIONSHIPS WITHIN THE EDUCATIONAL ENVIRONMENT

ELI MARIA DOS SANTOS GIOVANETTI

Graduação em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas do Sul Paulista (1994); Pedagogia; Complementação em Pedagogia; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itararé (1996); Especialista em Gestão Educacional pela Universidade de Campinas (UNICAMP) (2007); Professora de Ensino Fundamental- Educação de Jovens e Adultos – na EMEF. Imperatriz Leopoldina.

RESUMO

Compreender a melhor forma de convivência no ambiente escolar constitui um elemento fundamental para a qualidade das relações profissionais e para o desenvolvimento de um espaço educativo saudável. Assim sendo, a saúde mental dos professores requer atenção, considerando os desafios enfrentados diariamente, como a sobrecarga de trabalho, a pressão por resultados, as dificuldades nas relações interpessoais, a indisciplina dos estudantes e a necessidade de conciliar diferentes demandas pedagógicas e administrativas. Esses fatores podem colaborar para o desenvolvimento de estresse, ansiedade, esgotamento profissional e outros impactos negativos sobre o bem-estar dos docentes. Baseado nestes fatos, este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a convivência escolar e a saúde mental dos professores, evidenciando a importância de relações estruturadas no respeito, na cooperação, no diálogo e na valorização profissional. A convivência positiva entre professores, gestores, estudantes e demais membros da comunidade escolar pode favorecer um ambiente de trabalho mais acolhedor e colaborativo, contribuindo para a redução de conflitos e para a promoção da qualidade de vida dos profissionais da educação. Por isso, é importante que as instituições de ensino desenvolvam estratégias de prevenção e promoção da saúde mental, fortalecendo espaços de escuta, apoio e participação coletiva. Com isso, compreender a influência da convivência escolar sobre o bem-estar

docente é fundamental para a construção de ambientes educacionais mais humanizados, saudáveis e favoráveis tanto ao trabalho dos professores quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Convivência escolar; Saúde mental; Professores; Ambiente de trabalho; Educação.

ABSTRACT

Understanding the best way to foster positive interactions within the school environment is fundamental to the quality of professional relationships and the development of a healthy educational setting. Consequently, teachers' mental health requires attention, given the daily challenges they face—such as excessive workloads, pressure for results, interpersonal difficulties, student indiscipline, and the need to balance various pedagogical and administrative demands. These factors can contribute to stress, anxiety, burnout, and other negative impacts on teachers' well-being. Against this backdrop, this article aims to discuss the relationship between school interactions and teachers' mental health, highlighting the importance of relationships grounded in respect, cooperation, dialogue, and professional appreciation. Positive interactions among teachers, administrators, students, and other members of the school community can foster a more welcoming and collaborative work environment, helping to reduce conflict and promote the quality of life for education professionals. Therefore, it is important for educational institutions to develop strategies for mental health prevention and promotion, strengthening opportunities for listening, support, and collective participation. Ultimately, understanding how school interactions influence teacher well-being is essential for building educational environments that are more humanized and healthy, benefiting both the teachers' work and the teaching-learning process.

Keywords: School interactions; Mental health; Teachers; Work environment; Education.

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço de formação, aprendizagem e convivência, no qual professores, estudantes, gestores e demais profissionais estabelecem relações que influenciam o cotidiano educacional. Nesse ambiente, o trabalho docente ultrapassa a transmissão de conteúdos, envolvendo também aspectos relacionais e institucionais que fazem parte da prática profissional. Por essa razão, compreender as condições em que esse trabalho é desenvolvido é importante para discutir tanto a qualidade das relações no ambiente escolar quanto a saúde mental dos professores.

Nesse sentido, Campos e Viegas (2021, p. 417) afirmam que “a diminuição da autonomia, a intensificação e a sobrecarga de trabalho” são fenômenos que contribuem de forma negativa para a saúde mental dos professores. Os autores estudaram as relações entre o trabalho escolar e a saúde mental docente, identificando que as transformações nas condições de trabalho podem produzir efeitos negativos sobre o bem-estar dos profissionais da educação.

Além disso, as condições de trabalho e a intensificação das exigências profissionais podem estar relacionadas ao sofrimento mental dos professores. Albuquerque et al. (2018), em estudo realizado com docentes da rede estadual de ensino do Paraná, identificaram uma ligação direta entre determinadas condições de exploração do trabalho, como carga horária, número de alunos por turma e quantidade de turmas, e a ocorrência de transtornos psíquicos menores. Esses resultados destacam que a organização e as condições nas quais o trabalho docente é realizado integram fatores relevantes para compreender a saúde mental dos professores.

A convivência escolar, em contrapartida, não se limita à ausência de conflitos, todavia envolve a construção de relações baseadas no respeito, no diálogo, na cooperação e no reconhecimento mútuo. Quando essas relações são desestabilizadas, podem surgir situações de tensão, isolamento, desmotivação e desgaste emocional, repercutindo não apenas sobre os professores, mas também sobre a dinâmica da instituição e a qualidade do processo educativo. Nessa perspectiva, Fodra e Souza (2022) evidenciam a importância das relações escolares e das políticas voltadas à melhoria da convivência, principalmente no tratamento dos conflitos, das situações de violência e na promoção de um clima relacional mais favorável nas escolas.

Diante desse cenário, apoiar e auxiliar na promoção de discussões acerca da relação entre convivência escolar e saúde mental dos professores torna-se essencial para compreender as dificuldades presentes no cotidiano educacional e pensar em estratégias que favoreçam melhores condições de trabalho. A valorização profissional, o fortalecimento das relações interpessoais e a criação de espaços institucionais de diálogo e acolhimento são aspectos importantes para a construção de uma escola mais humanizada e saudável.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre a convivência no ambiente escolar e a saúde mental dos professores, considerando os principais fatores que podem interferir no bem-estar docente e destacando a importância de práticas institucionais voltadas à promoção de relações mais respeitadas, colaborativas e favoráveis ao exercício da profissão.

O TRABALHO DOCENTE E SUAS CONDIÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

O trabalho docente é marcado por características que o diferem de outras atividades profissionais, principalmente por envolver relações humanas, responsabilidades pedagógicas e demandas institucionais que ocorrem simultaneamente. Além da preparação e realização das atividades de ensino, os tem de lidar com questões administrativas, relações com estudantes e famílias, participação em reuniões, avaliações e formação continuada. Assim, a docência se define como uma atividade complexa, na qual as condições objetivas de trabalho podem interferir diretamente na experiência profissional e no bem-estar dos educadores.

As condições de trabalho não devem ser entendidas apenas a partir da estrutura física da escola ou da disponibilidade de recursos materiais. Elas integram também a organização das atividades, a

jornada de trabalho, a autonomia profissional, as relações estabelecidas no ambiente escolar e as formas de gestão. Souza e Leite (2011) demonstram que os estudos sobre trabalho docente e saúde destacam diferentes formas de sofrimento relacionadas à organização e às condições nas quais a atividade profissional é desenvolvida.

Nesse contexto, Gasparini, Barreto e Assunção (2005) já evidenciaram que as condições de trabalho podem produzir sobre-esforço entre os professores e repercutir sobre sua saúde física e mental. A intensificação das demandas profissionais, quando associada à insuficiência de recursos e à necessidade de responder diariamente a diferentes exigências, pode ampliar a sensação de desgaste e reduzir as possibilidades de recuperação durante e após a jornada de trabalho.

Essa realidade enfatiza que a discussão sobre saúde mental docente não pode ser dissociada da organização do trabalho escolar. A responsabilização individual do professor pelo próprio bem-estar tende a desconsiderar fatores institucionais que participam da produção do sofrimento. Campos e Viegas (2021) ressaltam, nesse contexto, a relação entre autonomia, intensificação e sobrecarga de trabalho, ressaltando que tais elementos constituem aspectos relevantes para compreender a saúde mental dos profissionais da educação.

SAÚDE MENTAL E ADOECIMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

A saúde mental dos professores deveria ser uma questão relevante para a educação, uma vez que o exercício da docência envolve situações contínuas de pressão, desgaste emocional e necessidade de adaptação a diferentes demandas. A literatura brasileira apresenta evidências de que estresse, ansiedade, burnout e outros problemas relacionados à saúde mental aparecem com frequência entre profissionais da educação. Em revisão sistemática, Diehl e Marin (2016) identificaram o burnout como um dos principais focos das pesquisas sobre adoecimento mental de professores brasileiros, com destaque também para sintomas de estresse e ansiedade.

O adoecimento, no entanto, não deve ser interpretado somente como resultado de características subjetivas. Luz et al. (2019), ao analisarem estudos sobre ambiente, condições e organização do trabalho, identificaram como fatores relevantes a carga de trabalho, as relações interpessoais e as condições do ambiente escolar. Os autores também indicam o estresse e a síndrome de burnout entre os principais problemas relacionados ao desgaste dos professores.

Albuquerque et al. (2018), em estudo realizado com professores da rede estadual de ensino do Paraná, encontraram ligação entre aspectos relacionados à exploração do trabalho e a ocorrência de transtornos psíquicos menores. A quantidade de turmas, o número de alunos e a carga horária integram exemplos de fatores que podem contribuir para o desgaste quando inseridos em uma organização de trabalho pouco favorável. Dessa forma, compreender o adoecimento docente exige considerar a interação entre fatores individuais, profissionais e institucionais.

A saúde mental também está relacionada à possibilidade de o professor exercer sua profissão com autonomia, reconhecimento e condições adequadas. Quando o trabalho é marcado intensamente por cobranças, ausência de apoio e pouca participação nas decisões, pode ocorrer enfraquecimento do sentimento de pertencimento à instituição. Por essa razão, estratégias de promoção da saúde mental devem ultrapassar intervenções unicamente individuais e considerar mudanças nas próprias condições de trabalho.

CONVIVÊNCIA ESCOLAR E CLIMA INSTITUCIONAL

A convivência escolar configura uma dimensão essencial da experiência educativa, já que as relações estabelecidas entre professores, estudantes, gestores e demais profissionais condicionam a forma como o cotidiano escolar é vivenciado. Nesse sentido, convivência não significa simplesmente ausência de conflitos, mas envolve a construção de relações baseadas em respeito, diálogo, participação, responsabilidade e reconhecimento mútuo.

Vinha et al. (2016) destacam a relação existente entre a qualidade do clima escolar e das relações interpessoais, evidenciando que desafios de convivência frequentemente aparecem associados a situações de indisciplina e violência. Os autores também revelam que intervenções voltadas à mediação de conflitos, ao protagonismo dos estudantes e à formação dos profissionais podem contribuir para a melhoria da convivência institucional.

Brito e Costa (2010), ao investigarem escolas públicas do município do Rio de Janeiro, observaram as percepções docentes acerca das relações entre práticas pedagógicas, prestígio e clima escolar. Os resultados reafirmam a importância das características do ambiente institucional para a compreensão do trabalho desenvolvido pelos professores. Dessa forma, o clima escolar não compõe um elemento externo à atividade docente, mas participa da própria experiência profissional.

Mais recentemente, D'Auria-Tardeli et al. (2023) detectaram, entre professores da educação infantil de escolas públicas de São Bernardo do Campo, a importância de dimensões como relações sociais, conflitos, relações com o trabalho, gestão e participação para a compreensão do clima escolar. O estudo também evidenciou a relevância de fortalecer relações colaborativas, autonomia e participação dos diferentes sujeitos que integram a comunidade escolar.

Portanto, pensar a convivência escolar significa necessariamente considerar a instituição como um espaço de relações permanentes. A qualidade dessas relações pode favorecer o sentimento de pertencimento e apoio ou, em sentido contrário, contribuir para situações de isolamento, tensão e desgaste emocional.

CONFLITOS, VIOLÊNCIA E SEUS IMPACTOS SOBRE O PROFESSOR

Os conflitos fazem parte das relações humanas e, como resultado, também estão presentes nas instituições escolares. Todavia, a maneira como esses conflitos são compreendidos e administrados pode produzir diferentes consequências para os sujeitos envolvidos. Quando não existem mecanismos

institucionais adequados de diálogo e mediação, situações inicialmente pontuais podem se tornar frequentes e comprometer o ambiente de trabalho.

A violência escolar expressa uma das manifestações mais graves dos problemas de convivência. Além das consequências diretamente relacionadas aos estudantes, situações de violência podem atingir os professores e demais profissionais, produzindo insegurança, estresse e sofrimento. A revisão realizada por Luz et al. (2019) demonstra as relações interpessoais e as condições do ambiente escolar entre os fatores associados ao desgaste da saúde dos docentes.

A discussão sobre violência também necessita considerar formas menos evidentes de agressão, como desrespeito, ameaças, humilhações, conflitos recorrentes e deterioração das relações profissionais. Nesse sentido, Vinha et al. (2016) afirmam a necessidade de ações sistemáticas voltadas à convivência, incluindo estratégias de prevenção e mediação de conflitos, em vez de intervenções unicamente punitivas.

A realidade atual reforça essa preocupação. Em estudo recente sobre a convivência nas escolas, Vinha et al. (2025) discorrem sobre o aumento dos problemas de convivência e das diferentes formas de violência no cotidiano escolar, destacando a necessidade de ações preventivas e de intervenções capazes de melhorar o clima e as relações entre os integrantes da comunidade educativa.

Por isso, enfrentar os conflitos escolares não significa exterminá-los completamente, mas promover condições para que sejam tratados de maneira educativa, democrática e respeitosa. Essa perspectiva pode contribuir tanto para a qualidade das relações quanto para a preservação da saúde mental dos professores.

RELAÇÕES INTERPessoais, GESTÃO ESCOLAR E VALORIZAÇÃO DOCENTE

As relações consolidadas entre professores e gestores formam outro aspecto relevante para a obtenção de um ambiente escolar saudável. A gestão escolar detém um papel importante na organização do trabalho, na mediação de conflitos e na criação de espaços de participação. Uma gestão pautada pelo diálogo e pela escuta ativa pode favorecer maior integração entre os profissionais, enquanto práticas excessivamente autoritárias ou baseadas exclusivamente na cobrança podem ampliar tensões no cotidiano.

D'Auria-Tardeli et al. (2023) identificaram que as relações com a equipe gestora, o reconhecimento profissional e o apoio recebido constituem dimensões relevantes para a percepção dos professores sobre o clima escolar. O estudo revela, portanto, que a qualidade das relações entre docentes e gestores está relacionada à própria percepção que os profissionais têm sobre o ambiente em que trabalham.

Essa discussão converge com os achados de Campos e Viegas (2021), que ligam a saúde mental docente à autonomia e às condições de realização do trabalho. A valorização profissional não deve ser diminuída ao reconhecimento simbólico, mas englobar condições concretas que possibilitem ao professor participar das decisões que interferem em sua atividade, desenvolver seu trabalho com autonomia e contar com apoio institucional diante das dificuldades.

Além disso, Gouvêa (2016) revela que a relação entre condições de trabalho e adoecimento docente passou a ocupar espaço importante nas discussões institucionais e sindicais, indicando que a saúde dos profissionais da educação precisa ser compreendida também como uma questão coletiva.

Assim, a gestão escolar deve desempenhar papel preventivo na promoção da saúde mental. A criação de espaços de escuta, reuniões produtivas, processos democráticos de decisão e estratégias de acolhimento pode fortalecer os vínculos profissionais e reduzir situações de isolamento. A valorização do professor, nesse sentido, constitui elemento necessário para uma convivência escolar pautada pela cooperação.

ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL E MELHORIA DA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Promover a saúde mental dos professores requer ações articuladas entre diferentes dimensões da instituição. Medidas individuais, como acompanhamento psicológico e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, podem ser importantes, mas não são suficientes quando os fatores relacionados ao sofrimento estão associados à organização do trabalho e às relações institucionais.

Dalcin e Carlotto (2018), ao avaliarem uma intervenção destinada à síndrome de burnout em professores, destacaram a relevância de ações estruturadas de intervenção e prevenção diante do desgaste profissional. Esse tipo de iniciativa revela que a saúde mental docente pode ser objeto de políticas e programas institucionais, e não apenas de ações realizadas individualmente pelos trabalhadores.

Santos et al. (2022), em revisão integrativa sobre trabalho docente, saúde mental e promoção da saúde, também mostram a importância de incorporar ações de promoção da saúde ao cotidiano profissional e de articular essas iniciativas à formação e à educação permanente.

No âmbito da convivência, Vinha et al. (2016) discorrem sobre as possibilidades como a mediação de conflitos, a formação continuada dos profissionais e a criação de espaços que favoreçam a participação dos estudantes. Essas ações podem contribuir para transformar o tratamento dos conflitos em uma oportunidade educativa e fortalecer relações mais cooperativas.

A literatura mais recente apela para a necessidade de políticas institucionais e públicas voltadas à saúde mental docente. Costa e Souza (2026), em revisão integrativa sobre fatores de risco para a saúde mental de professores da educação básica no Brasil, reconheceram elevada ocorrência de sintomas de ansiedade, estresse e burnout, associada a fatores como sobrecarga de trabalho, condições inadequadas, baixa remuneração e exposição à violência escolar. Os autores defendem políticas intersetoriais, valorização docente e ambientes escolares mais seguros e saudáveis.

Dessa forma, a promoção da saúde mental e a melhoria da convivência escolar devem ser compreendidas como processos complementares. Investir em relações profissionais respeitadas, participação, apoio institucional, prevenção de conflitos, formação continuada e melhores condições de trabalho contribui para a construção de um ambiente no qual os professores possam desempenhar suas

funções com maior segurança, reconhecimento e bem-estar. A escola saudável, com isso, não é apenas aquela que promove a aprendizagem dos estudantes, mas também aquela que reconhece e cuida das condições necessárias para que seus profissionais possam ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do estudo, foi possível compreender que a convivência escolar e a saúde mental dos professores estão diretamente relacionadas às condições em que o trabalho docente é realizado e às relações construídas no cotidiano da instituição. A escola, enquanto espaço de formação e convivência, não deve ser compreendida apenas como um ambiente destinado ao ensino e à aprendizagem, uma vez que as relações estabelecidas entre professores, estudantes, gestores e demais profissionais influenciam significativamente a qualidade do ambiente educacional.

Os estudos verificados evidenciam que fatores como sobrecarga de trabalho, intensificação das atividades, falta de autonomia, conflitos interpessoais, violência, ausência de apoio institucional e condições inadequadas de trabalho contribuem para o desgaste físico e emocional dos professores. Por isso, a saúde mental docente não deve ser compreendida como uma responsabilidade exclusivamente do profissional, mas como uma questão que envolve aspectos institucionais, sociais e profissionais. A responsabilização do professor por seu próprio bem-estar, sem considerar as condições concretas em que exerce sua profissão, pode ocultar fatores importantes relacionados à organização do trabalho escolar.

Da mesma forma, a convivência escolar apresenta papel significativo na construção de um ambiente de trabalho saudável. Relações fundamentadas no respeito, no diálogo, na cooperação, na escuta e na participação podem favorecer o sentimento de pertencimento e fortalecer os vínculos entre os profissionais. Em contrapartida, ambientes marcados por conflitos recorrentes, desvalorização, autoritarismo, isolamento e ausência de mecanismos de mediação podem intensificar situações de estresse e sofrimento.

Com isso, torna-se necessário que as instituições educacionais elaborem estratégias eficientes e definitivas de promoção da saúde mental e de melhoria da convivência escolar. Ações como a criação de espaços de escuta, o fortalecimento da participação docente nas decisões, a formação continuada, a mediação de conflitos, o apoio institucional e a valorização profissional podem contribuir para relações mais saudáveis e para melhores condições de trabalho. Essas iniciativas, porém, precisam estar articuladas a políticas educacionais que reconheçam a complexidade do trabalho docente e garantam condições adequadas para seu exercício.

Conclui-se, por conseguinte, que promover a saúde mental dos professores requer também cuidar das relações e das condições que constituem o cotidiano escolar. Uma escola verdadeiramente humanizada deve considerar o bem-estar de todos os sujeitos que dela participam, reconhecendo que professores valorizados, apoiados e inseridos em ambientes de convivência respeitosa possuem melhores condições para desenvolver suas atividades pedagógicas. Assim, investir na qualidade da

convivência escolar não representa apenas uma medida de prevenção ao sofrimento docente, mas também uma estratégia para fortalecer a qualidade da educação e contribuir para a construção de espaços escolares mais democráticos, acolhedores e saudáveis.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de; LIRA, Lucas Nathã Almeida; SANTOS JUNIOR, Isaías dos; CHIOCHETTA, Ricardo Luiz; PERNA, Paulo de Oliveira; SILVA, Marcelo José de Souza e. **Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná.** *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1287-1300, 2018. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00145. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/994>. Acesso em: 17 ago. 2026.

BRITO, Márcia de Sousa Terra; COSTA, Marcio da. **Práticas e percepções docentes e suas relações com o prestígio e clima escolar das escolas públicas do município do Rio de Janeiro.** *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 500-510, 2010. DOI: 10.1590/S1413-24782010000300008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000300008>. Acesso em: 17 ago. 2026.

CAMPOS, Marlon Freitas de; VIEGAS, Moacir Fernando. **Saúde mental no trabalho docente: um estudo sobre autonomia, intensificação e sobrecarga.** *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 28, n. 2, p. 417-437, 2021. DOI: 10.18764/2178-2229.v28n2.202132. Disponível em: <https://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13270>. Acesso em: 17 ago. 2026.

COSTA, Ana Cristina Santiago da; SOUZA, Evanice Avelino de. **Fatores de risco para a saúde mental de professores da educação básica no Brasil: revisão integrativa.** *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, [S. l.], v. 23, n. 4, e20251553, 2026. DOI: 10.47626/1679-4435-2025-1553. Disponível em: <https://doi.org/10.47626/1679-4435-2025-1553>. Acesso em: 17 ago. 2026.

DALCIN, Larissa; CARLOTTO, Mary Sandra. **Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de Burnout em professores.** *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 141-150, 2018. DOI: 10.1590/2175-35392018013718. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018013718>. Acesso em: 17 ago. 2026.

D'AURIA-TARDELI, Denise; BARROS, Lucian da Silva; TESSARO, Mônica; ALVES, Vanessa Takigami. **Percepções de professores sobre clima educacional na educação infantil de São Bernardo do Campo.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 49, e249251, 2023. DOI: 10.1590/S1678-4634202349249251por. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349249251por>. Acesso em: 17 ago. 2026.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. **Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura.** *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, 2016. DOI: 10.5433/2236-6407.2016v7n2p64. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005. Acesso em: 17 ago. 2026.

FODRA, Sandra Maria; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Convivência escolar como política pública no estado de São Paulo.** *Revista on-line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 26, n. esp. 3, e022092, 2022. DOI: 10.22633/rpge.v26iesp.3.16952. Disponível em: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26iesp.3.16952>. Acesso em: 17 ago. 2026.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p.

189-199, 2005. DOI: 10.1590/S1517-97022005000200003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003>. Acesso em: 17 ago. 2026.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. **As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical.** *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, 2016. DOI: 10.1590/0103-1104201611116. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611116>. Acesso em: 17 ago. 2026.

LUZ, Jaqueline Galleazzi da; PESSA, Sergio Luiz Ribas; LUZ, Roger Poglia da; SCHENATTO, Fernando José Avancini. **Implicações do ambiente, condições e organização do trabalho na saúde do professor: uma revisão sistemática.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 12, p. 4621-4632, 2019. DOI: 10.1590/1413-812320182412.26352017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182412.26352017>. Acesso em: 17 ago. 2026.

SANTOS, Natânia Candeira dos; CAMPOS, Carina Corrêa Bonates; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; CORTEZ, Elaine Antunes. **Trabalho docente, saúde mental e promoção da saúde: revisão integrativa.** *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 11, e516111134039, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.34039. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.34039>. Acesso em: 17 ago. 2026.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, 2011. DOI: 10.1590/S0101-73302011000400012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400012>. Acesso em: 17 ago. 2026.

VINHA, Telma Pileggi et al. **O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas.** *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 27, n. 64, p. 96-127, 2016. DOI: 10.18222/eae.v27i64.3747. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae.v27i64.3747>. Acesso em: 17 ago. 2026.

VINHA, Telma P.; NUNES, Cesar Augusto Amaral; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; ARAGÃO, Ana Maria Falcão de. **A convivência nas escolas: desafios e possibilidades.** *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 39, n. 115, e39115089, 2025. DOI: 10.1590/s0103-4014.202539115.006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202539115.006>. Acesso em: 17 ago. 2026.